

ARTE E LINGUAGEM I.

Tópico 8

ARTE . VISUAL . ENSINO
Ambiente Virtual de Aprendizagem

Professor Doutor
Isaac Antonio Camargo

***Abordagem de linhas de análise e
estudo das manifestações artísticas
em Arte Visual.***



Cursos de Artes Visuais – Licenciatura e Bacharelado
Faculdade de Artes, Letras e Comunicação
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

**ARTE
VISUAL
ensino**

Na maioria das vezes se considera a Arte Visual como um campo de interação no qual a relação entre as Obras de Arte e espectadores se dá como que “por encanto”. Supõe-se que o que se vê deve provocar um efeito imediato de entendimento e compreensão suficiente para explicar o que se tem diante de si. Em geral o aporte para este suposto entendimento é o Gosto, ou seja, a existência de uma capacidade natural e inerente ao ser humano que é uma habilidade inata para apreciar a Arte que independe da sociedade, cultura ou formação.

É uma espécie de “regra intuitiva” através da qual o simples gostar de algo já garante a capacidade de distinguir o que é o que não é Arte e este “valor subjetivo” e simplista estaria na base da apreciação artística. No entanto, nem todas as pessoas possuem a mesma formação e experiências, os mesmos valores e opiniões e, tampouco, os mesmos gostos... Isto, além de não ser possível, ignora variáveis de caráter social, cultural e individual, logo, é mais uma das muitas falácias que procuram justificar uma visão superficial da Arte.

Outro hábito construído em torno da Arte Visual é considerá-la sinteticamente como Linguagem e tentar identificar signos recorrentes capazes de serem interpretados ou decodificados por meio de Leituras. Este entendimento remonta à tradição textual ou literária que converte diferentes modalidades expressivas em textos para descrevê-las e/ou explicá-las. Boa parte das teorias dedicadas à Arte eram tecidas por teóricos que utilizavam a escrita como mediação, no entanto, não eram nem são “traduções” mas sim interpretações.

Portanto ao invés da análise direta das Obras de Arte a tendência foi buscar a mediação nas teorias e nos pareceres de pensadores, historiadores, filósofos, estetas, artistas e especialistas de várias áreas e campos de conhecimento criando um universo imenso de explicações, pareceres, tendências e variações que, nem sempre, se dedicavam às Obras, mas em boa parte à retórica dos autores cujo interesse era “vencer” um suposto debate em torno de sua “interpretação” e menos em clarear as manifestações artísticas.

A apresentação de pareceres sobre as Obras de Arte tornou-se uma conduta típica da literatura artística por meio da qual um autor adota um “ponto de partida”, por exemplo, a vida de artistas, as obras, as técnicas utilizadas por ele e a partir dali tecia pareceres sobre tais abordagens. Na medida em que uma História da Arte e suas teorias foram se desenvolvendo, surgiram, de fato, especialistas neste campo de conhecimento. Do mesmo modo que pensadores dedicados a esta área passaram a elaborar teorias e métodos de abordagem mais específicos e dedicados.

Das reflexões desenvolvidas pelos primeiros pensadores até as teorias que amparam o conhecimento e a compreensão da Arte, muito se debateu e discutiu. Isto levou à delimitação de campos de estudos e ensino como, por exemplo, a Estética que passou a ser considerada um dos lugares dedicados ao pensamento e às pesquisas da Arte e sobre Arte. Além dela outras áreas do conhecimento passaram a contribuir para a formação de um repertório de saberes neste campo constituindo vários aportes e teorias.

Costumo dizer que: *Arte é a Manifestação Estética da Humanidade*. Adoto esta definição descritiva com para facilitar a abordagem sobre a Arte cuja finalidade é mais didática do que conceitual. Penso que explica o que se pode entender por Arte Visual sem muita complicação. Portanto há três elementos principais nesta definição: *Manifestação, Estética e Humanidade*. A Manifestação diz respeito a propriedade das Obras de Arte serem acessíveis aos sentidos, caso não sejam, não existem.

O segundo aspecto diz respeito ao tipo de Manifestação que caracteriza a Arte: não é qualquer uma, mas apenas e exclusivamente a que se reveste do caráter Estético. Equivale dizer também que qualquer outro tipo de manifestação ou qualquer outro tipo de abordagem que não seja Estético, não pode ser considerada pertinente ou adequada para desenvolver um tipo de análise sobre o que se considera artístico. O terceiro aspecto diz respeito a condição da Arte como algo tipicamente humano.

Tipificar o que é Arte é o primeiro passo para o desenvolvimento de processos de análise sobre ela. É necessário delimitar: sobre o que se fala e de onde se fala, neste caso: se fala de *Arte Visual* e o lugar de fala é a *Estética*. Partindo do pressuposto de que a compreensão da Arte já foi resolvida, a segunda questão é a *Estética*. A *Estética* como campo para o estudo da Arte surge com o esteta alemão Alexander Gotlieb Baumgarten em 1750, no século XVIII.

Baumgarten propôs a *Estética* como ciência do Belo e da Arte, tomando por referência o pensamento vigente no seu tempo de que a ideia de beleza estava intrinsecamente ligada à Arte dada a tradição instaurada desde pensamento clássico greco-romano. Contudo, com o passar do tempo, o conceito de belo ideal se esgotou, especialmente com o advento do Modernismo, com a Pós-modernidade e na Arte Contemporânea quando as categorias estéticas tradicionais foram perdendo espaço e se tornando anacrônicas.

Outro aspecto aqui destacado é relativizar a ideia de que a Arte é uma Linguagem cujo acesso se dá pela Leitura. Defendo esta postura ao considerar que uma linguagem depende de estrutura normativa estável capaz de ser codificada e decodificada e que a Arte Visual não possui esta característica, portanto, metaforizar uma terminologia específica, como a da língua e suas condicionantes linguísticas é desnecessário já que existe campo específico para isto. Não ignoro que muitos teóricos conceituados defendem esta posição, apenas não a adoto como recurso pedagógico.

A ideia de considerar a Arte Visual uma Linguagem pressupõe uma sintaxe para sua compreensão e leitura. Para entender esta questão, pode-se voltar à Pré-história, basta considerar as manifestações visuais daquele período e perguntar: em que consistiria o repertório de sua Linguagem? Seria apenas a interpretação visual da figura de um animal, de alguns esquemas humanoides, das formas e algumas incisões abstratas? E seus significados seriam: isto é um bisão, isto é um ser humano, isto são sinais?

Aquelas manifestações imagéticas seriam um conjunto de signos ou símbolos capazes de serem traduzidos em sentidos e significações metafóricas específicas tipo: bisão corresponde a força ou alimento ou fome; felinos correspondem a perigo, força ou fome? Esquematisações de seres humanos corresponderiam a: pessoa, indivíduo, mulher, estranho, amigo? Enfim, tentar atribuir sentidos àquelas imagens é bem complexo, imagine traduzi-las em algo compreensível *a posteriori*.

Não se pode negar que a civilização Egípcia teve sucesso no desenvolvimento de um sistema ideográfico codificado, ou seja, baseado em imagens e conseguiu converter a linguagem verbal em signos reversíveis, contudo, não foi o que aconteceu com outras civilizações. Algumas optaram por criar representações da fala por meio de signos fonéticos. O fato dos Egípcios terem codificado imagens e dar-lhes o sentido de linguagem não significa que todas as imagens sejam passíveis de serem decodificadas por serem imagens figurais ou não.

Não quer dizer que todas as imagens utilizadas em configurações de Obras de Arte, ao longo da História, possam ser traduzidas “literalmente” em textos verbais. Não há uma “codificação universal” de imagens, nem mesmo um vocabulário ou dicionário de imagens que reúna um repertório infinito de sentidos e significados delas decorrentes que seja suficiente para garantir sentido a todas as criações imagéticas humanas. Reforço que não ignoro os autores que acreditam e defendem isto ou algo parecido com isto, apenas não considero um apanágio para tudo.

Embora apresente algumas abordagens metodológicas que recorrem a esta possibilidade, não quer dizer que as tome como únicas ou definitivas. No contexto do ensino é normal a apresentação de várias possibilidades e abordagens, contudo, não quer dizer que apresentar signifique adotar. Não se pode dizer que “textos visuais” sejam redundantes o suficiente para serem lidos como os da Linguagem Verbal, falada ou escrita. Enfim, ressalvo que a ideia de Linguagem não é o melhor meio para codificar e decodificar as manifestações artísticas visuais.

Bem se a ideia de Linguagem não contempla as abordagem do processo significativo para apreensão dos sentidos em Arte Visual, qual é a alternativa?

Bem, para início de conversa, para que uma Manifestação Artística exista ela precisa ser configurada como tal. Ao tomar o campo específico da Arte Visual admite-se, por consequência, que tais Manifestações ocupam algumas categorias ou modalidades expressivas formais e materiais capazes de dar existência a Obras de Arte.

Tradicionalmente estas modalidades expressivas se constituem por meio de Pinturas, Desenhos, Esculturas, Modelagem, Entalhes, Grafias e Gravuras que se tornaram conhecidas ao longo da história e ainda permanecem no contexto da Arte atual, além disso, foram bastante qualificadas e especializadas em relação aos materiais e técnicas. Ao mesmo tempo surgiram outros meios como a fotografia, o cinema, o vídeo e o audiovisual e sistemas, aparelhos e meios tecnológicos de produção, projeção, transferência e distribuição.

As transformações e desenvolvimento dos processos técnicos e materiais, instrumentos, ferramentas, aparelhos e programas não implicou apenas nisto, mas também em conceitos, ou seja, as concepções artísticas se transformaram tanto e quanto se transformaram os meios de sua produção. Hoje em dia não se trata apenas da materialidade, mas também de Conceitos, Intervenções, Ocupações, Instalações, Performances e outras modalidades de criação e expressão que não existiam até os séculos XIX e XX.

Portanto se a ideia de *Linguagem* permanece, há que se apropriar também da ideia de *Idioma*, pois não é apenas uma questão de código, mas também de identidade sociocultural, logo, não convém apostar nem em uma nem em outra. Neste caso o termo que se mostra mais compatível com todas as transformações que ocorreram no contexto da Arte Visual é o de *Poética*, cuja raiz tem origem no *Poien* grego e diz respeito ao fazer, ao processo realizatório e não necessariamente aos objetos prontos e acabados como se surgissem “por encanto”.

Poien/poética implica e inclui o fazer, a construção, a elaboração empírica e pragmática dos processos eleitos por cada uma das pessoas que se dedicam a fazer Arte, independentemente de como a faz, que conceitos, recursos e proposições adota ao fazer. O *ato criador* é ao mesmo tempo criativo, inventivo, empreendedor, inovador e transformador. Não se pode dizer ou querer que a Arte seja sempre igual e que as Obras tenham sempre os mesmos sentidos e que artistas queiram sempre as mesmas coisas.

A diversidade de criação, a liberdade de expressão, a autonomia na escolha, as opções dialógicas e conceituais que passaram a ser adotadas a partir do Modernismo, quer fosse por interesse pessoal, demanda social ou sob qualquer outras justificativas que motivassem a criação, são sempre manifestações humanas cabe, portanto, observar, analisar, apreciar a Arte não como algo que “ilustra” o mundo, mas sim algo que existe em dialogo com ele no tempo e no espaço.

Atividades

Leituras Indicadas pela bibliografia da disciplina e disponível na Biblioteca central.

Leitura de textos Disponíveis em
TEXTOS:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/textos>

Leitura da Revista Reflexões sobre Arte Visual, disponível em:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

TICs

MULTIMÍDIA - com vídeos, tutoriais e podcasts:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php>

Audição do Podcast Reflexões sobre Arte Visual, disponível em:

<https://podcasters.spotify.com/pod/show/isaac-antonio-camargo>

Questões para reforço didático e avaliação:

1. Quais as limitações que dificultam compreensão da Arte?
2. O que pode se entender por Arte e qual seu principal valor?
3. Quais as dificuldades para “traduzir” a produção artística em texto verbal?
4. O que é Poética?
5. Qual a finalidade da Poética no contexto da apreciação artística?